

♦ Os escritos políticos de RAÚL PROENÇA são reunidos em 4 vols., 1938, 1939, 1974 e 1975. Lendo a *Apresentação de Raúl Proença feita por ele próprio*, publicada em 1961, vemos que o autor se assume como um adepto da *democracia liberal e socialista*. Tenta conjugar o *idealismo* e o *realismo*. Diz distanciar-se de idealismos como o anarquismo, o comunismo puro, o pacifismo e o absoluto universalismo e cosmopolitismo, mas quer combater o realismo determinista da *Action Française*, assumido, como ele diz, pelos integralistas portugueses. Considera que estes aceitam a redução do superior ao inferior quando advogam o naturalismo, o fatalismo e o determinismo da hereditariedade, da história, das tradições, das necessidades inelutáveis. Acusa-os de darwinistas sociais. Aceita o realismo mas apenas numa perspectiva relativista e progressista. Assim, contra as fórmulas nacionalistas, tradicionalistas, antidemocráticas e autoritárias do integralismo, quer vincar as suas ideias sobre pátria, tradição, democracia e autoridade. Sobre a pátria, tanto repudia o chamado universalismo visando a constituição de uma pátria humana, de uma *cosmopolis*, de uma república universal sem a realidade das fronteiras nacionais, como o belicismo e a necrolatria. Sobre a tradição considera que esta não pode ser um critério suficiente, devendo ser entendida como criação continuada. Já a democracia deveria ser liberal e socialista, conforme os modelos da Inglaterra, dos países escandinavos e da Austrália. A autoridade tem de conciliar-se com a liberdade, sendo o contrário do autoritarismo e da intolerância. Mostra simpatia pelos radicais-socialistas franceses, citando Julien Benda e Alain, mas também invocando Hume e Stuart Mill. Talvez tenha tido emoção de mais.

♦ Percebeu que a I República se esgotara em homens e ideias e temeu que as soluções de futuro estivessem a ser comandadas pelos integralistas, assumindo que teria de lhes fazer um combate doutrinal, pelo que se lança numa agreste polémica. Teve intuição de uma perspectiva terceirista, mas não conseguiu elaborar um sistema completo de doutrina, até porque não teve suficiente integração numa corrente europeia. Cfr. nova ed. dos vols. I e II, Lisboa, Seara Nova, 1972. No vol. I, destaque para «Acerca do Integralismo Lusitano», pp. 29 segs., e «Para um Evangelho dum Acção Idealista no Mundo Real», pp. 111 segs..